

ATIVIDADES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DA ICONOGRAFIA

Claudia Lins Lima, Valdir Adilson Steinke

Universidade de Brasília

claudialinslima@yahoo.com.br, valdirs@unb.br

Fecha de recepción: 22/09/ 2011

Fecha de aceptación: 27/10/ 2011.

RESUMO

Atualmente é difícil compreender o espaço cotidiano sem imagens, de formas e cores variadas que chegam até nós por meio de diferentes tecnologias. Esse universo heterogêneo traz consigo símbolos e ideologias nem sempre decifrados, mas que chamam a atenção para novas formas de se apreender o espaço em que vivemos. Esse fato torna necessária uma formação docente capacitada para lidar com metodologias que vão além do espaço físico da sala de aula. É nesse contexto que este estudo apresenta a contribuição da iconografia no processo de formação docente, apresentando experiências positivas para o debate sobre o ensino de Geografia, principalmente no que tange à fotografia e ao cinema.

Palavras-chaves: Fotografia; Cinema; Imagem; Didática.

RESUMEN: Actualmente es difícil comprender el espacio cotidiano sin imágenes considerando las formas y los colores que nos llegan por medio de las distintas tecnologías. Este universo heterogéneo trae consigo símbolos e ideologías que no siempre pueden ser descifradas pero dirigen la mirada hacia nuevas formas de reflexionar sobre el espacio en el cual vivimos. Consecuentemente se hace necesaria una formación docente que capacite para manejar metodologías que exceden el universo físico del aula. Dentro de este contexto el estudio propone la contribución de la iconografía en el proceso de formación docente, presentando experiencias positivas para el debate sobre la enseñanza de la Geografía, principalmente centrado en la fotografía y el cine.

Palabras clave: Fotografía, cien, imagen, didáctica

UNIVERSITY EXTENSION ACTIVITIES DURING THE TRAINING OF GEOGRAPHY TEACHERS: THE IMPORTANCE OF ICONOGRAPHY.

ABSTRACT

Currently it is difficult to understand the geographical space everyday without images, in shapes and colors that come to us through different technologies. This heterogeneous universe carries symbols and ideologies not always deciphered, but they call attention to new ways to grasp the space in which we live. This makes necessary a qualified teacher training to deal with methodologies that go beyond the physical space of the classroom. In this context, this study presents the contribution of the iconography in the process of teacher training, providing positive experiences to the debate about learning in geography, especially when it comes to photography and cinema.

Key-words: Photography; cinema; Image; Didactic.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Formação Docente a Distância: o Programa Universidade Aberta do Brasil

O curso de Licenciatura em Geografia a Distância da Universidade de Brasília está inserido no programa Universidade Aberta do Brasil (UAB), que foi instituído em 2006 por meio do Decreto 5.800. O programa UAB objetiva a expansão e interiorização de cursos de educação superior no país para populações que possuem dificuldade de acesso à formação universitária, por meio da metodologia de educação a distância. Dessa forma, através da parceria entre a União, Unidades da Federação e Municípios, a criação de centros de formação superior é estimulada e concretizada por meio dos polos de apoio presencial nas localidades que demonstrem interesse e firmem convênio com o Ministério da Educação. (Brasil, 2006)

Ressalta-se ainda que um dos critérios para implantação de polos da UAB é o baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos municípios. Isto faz da UAB um programa que busca a universalização do acesso à educação superior pública, o que colabora para o desenvolvimento social no interior do país, principalmente a melhoria da educação municipal, a inserção já se apresenta como um fato consolidado, pois somente no primeiro ano de funcionamento, 2007, foram abertas 40.000 novas vagas no ensino superior em cerca de 290 municípios. (Ramos e Medeiros, 2009)

1.2. A Universidade de Brasília e a Licenciatura em Geografia na UAB

O primeiro vestibular realizado pela Universidade de Brasília, UnB, no âmbito do programa UAB ocorreu no segundo semestre de 2007, com a oferta de 1.080 vagas em seis cursos de licenciatura na modalidade a distância: artes visuais, teatro, música, letras/português, pedagogia e educação física. (Capes, 2009)

O curso de Licenciatura em Geografia na modalidade a distância, pelo programa UAB, iniciou sua oferta no primeiro semestre de 2009 com um total de 5 polos, atuando nas seguintes cidades: Alexânia - GO, Cidade de Goiás-GO, Posse - GO, Itapetininga – SP e Santa Maria - DF. Em 2011 houve um novo vestibular e a inserção de dois novos polos: Palmas - To e Barretos - SP, sendo reofertadas duas novas turmas nos polos já existentes de Goiás e Itapetininga. Dessa forma, o curso de Licenciatura em Geografia conta hoje com aproximadamente 200 alunos, divididos em quatro estados brasileiros.

2. CURSOS DE EXTENSÃO NA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

As atividades de extensão têm entre as suas finalidades, proporcionar aos alunos e à comunidade acadêmica em geral, a oportunidade de envolvimento em ações extracurriculares, as quais podem ser de cunho social ou acadêmico. Neste caso específico, foram propostas atividades de cunho acadêmico, as quais se constituíram como cursos de extensão universitária e foram ofertados com o intuito de possibilitar novas formas de análise das categorias e conceitos geográficos, de forma a contribuir

para o aprofundamento dos conteúdos ministrados nas disciplinas obrigatórias do curso de Licenciatura em Geografia na modalidade a distância dos polos UnB/UAB e com a perspectiva de inserção destes discentes enquanto membros críticos em temas centrais do seu cotidiano.

É preciso destacar que para completar o curso de licenciatura os alunos devem ter no currículo uma carga mínima de 200 horas em atividades complementares, que podem ser desde participação em eventos científicos, seminários, exposições e atividades de extensão, além de outros. Sendo assim, os alunos aprovados farão jus a certificado de extensão e os créditos contarão como horas complementares.

Os cursos de extensão oferecidos fazem parte do tripé que compõe o ensino superior: pesquisa, ensino e extensão. Na formação do professor de Geografia da Licenciatura a Distância da UAB/UnB, a extensão tem se tornado uma atividade intensamente trabalhada. Desde o início de implantação da licenciatura, já foram oferecidos quatro cursos de extensão com aproximadamente seis semanas cada, o equivalente a uma carga total de 120 horas em atividades complementares, mais da metade do que o aluno precisa para se formar.

Os cursos de extensão (Quadro 1) são criados na medida em que são detectadas necessidades de trabalhar-se em algumas áreas com enfoque diferente das disciplinas obrigatórias, de modo a propiciar um debate mais aprofundado. As temáticas são variadas e os cursos são promovidos por professores do departamento de Geografia da UnB e alunos do programa de pós-graduação em Geografia e que atuam na UAB.

Quadro 1: Lista de cursos de extensão.

CURSOS DE EXTENSÃO EM GEOGRAFIA			
Nome / Autor	Carga Horária	Participantes	Temática
GEOFOTOGRAFIA	30 horas	57	Debater sobre a relação

Valdir Steinke			entre a Geografia e Fotografia, enfocando no contexto de sala de aula.
ESPAÇO: DO MITO AO CONCEITO Marília Peluso	30 horas	69	Ampliar o conhecimento sobre a formação do conceito de espaço geográfico, suas origens nos símbolos e mitos.
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA Cláudia Lima Marcelo Miller	30 horas	60	Compreender a importância da educação ambiental no ensino de geografia e difundir práticas pedagógicas que contribuam para esse processo.
CINEMA EM GEOGRAFIA Cláudia Lima Valdir Steinke	30 horas	81	Discutir as possibilidades pedagógicas da utilização de filmes como recurso didático complementar ao ensino de Geografia.

A seguir optou-se por um breve recorte teórico-metodológico para apresentar dois cursos de extensão que extrapolam à temática central deste estudo, mas que em nosso entender, contribuem para a discussão sobre o ensino de geografia como ferramentas didáticas de complementação para a formação docente.

2.1. Curso de Extensão Universitária: Espaço: do mito ao conceito.

O curso buscou oferecer aos alunos de Geografia a possibilidade de ampliar seus conhecimentos sobre o espaço geográfico, suas origens nos mitos e nos símbolos até sua elaboração como conceito da área de Geografia no período moderno. Além disso, desenvolveu debates e apresentou sugestões de como transmitir aos alunos da educação básica conceitos espaciais tradicionais através da compreensão histórica da formulação desses conceitos.

Segundo a autora do curso, ao entendermos que o espaço e a espacialidade permeiam as várias maneiras de ver o mundo, é possível conceber que foram retomados com diferentes sentidos ao longo da história da humanidade até transformar-se numa categoria do pensamento e num conceito geográfico. O curso abordou os seguintes tópicos: mitos na trajetória da humanidade; símbolos e significados espaciais; a emergência do pensamento lógico; a formação das categorias e conceitos espaciais na Geografia; o espaço vivido da criança ao adulto; ensinando para a criança a compreender o espaço geográfico.

Destaca-se que o curso possibilitou uma nova forma de entender a construção do conceito de espaço. Nas disciplinas obrigatórias a carga de conteúdo e o tempo disponível para sua execução não possibilitam o aprofundamento sobre a construção histórica dos conceitos utilizados na Geografia moderna. No entanto, por meio do curso de extensão *Espaço: do mito ao conceito*, os alunos se aventuraram em uma jornada muitas vezes atípica. Podemos citar, por exemplo, a análise do livro *O Mundo de Sofia* de autoria do filósofo norueguês Jostein Gardeer.

Sobre essa análise, temos que o objetivo foi investigar informações que pudessem ser analisadas do ponto de vista espacial, buscando em uma leitura de cunho filosófico o olhar geográfico que deve permear na vida acadêmica dos alunos. Nesse sentido, os alunos se depararam com as conceituações de filósofos como Anaxímenes, Empédocles, Demócrito e tantos outros, sobre, por exemplo, o que é a natureza, seus elementos e como ocorrem, entendendo-os sob a ótica da construção de conceitos que culminariam no conceito de espaço da Geografia moderna.

2.2. Curso de Extensão Universitária: Introdução à Educação Ambiental do Ensino de Geografia.

O curso foi elaborado com base na compreensão de que o contexto de intensa degradação ambiental que o mundo vivencia para dar suporte à sociedade atual torna preciso refletir não somente sobre o modo de vida da sociedade, mas também sobre nosso papel enquanto professores que acreditam na educação como meio de transformação da sociedade.

Intrinsecamente envolvido com a temática das questões ambientais, o ensino de geografia deve buscar meios de fomentar nos alunos a curiosidade sobre a realidade local e global da degradação ambiental. Além disso, deve estimular ações de mitigação e transformação dessa realidade.

Assim sendo, este curso de extensão buscou ampliar a noção do que é educação ambiental, EA, partindo dos conhecimentos formais e não formais sobre meio ambiente, para aproximar os alunos da temática ambiental. Em seguida, tratou brevemente da realidade da educação ambiental no contexto mundial e brasileiro, conhecendo as principais conferências e políticas que norteiam sua prática, para possibilitar a discussão sobre como é sua aplicação hoje em sala de aula.

O curso teve formato dinâmico, pautado principalmente em conteúdos que trataram o tema ambiental sempre ligado ao ensino de geografia, com exemplos práticos de sua aplicação. Além de textos, foram utilizados vídeos, poesias, músicas e outros recursos mais atrativos para estimular a participação e engajamento dos alunos.

Vale destacar que como produto final cada aluno elaborou um projeto intitulado *Agenda 21 do Polo*, com o objetivo de pesquisar e analisar a realidade do polo de apoio presencial onde estudam com um olhar mais crítico, verificando quais aspectos precisam ser melhorados do ponto de vista ambiental, propondo sugestões para cada problema apresentado. Os projetos superaram as expectativas, cada aluno desenvolveu propostas diferentes que abordaram a coleta de resíduos recicláveis, reutilização da

água, arborização do polo, criação de sistema de transporte coletivo solidário, dentre outros.

Diante do exposto, se pode afirmar que o curso obteve o que almejava: o (re)conhecimento da educação ambiental não como um saber à parte, mas como elemento indissociável dos conteúdos geográficos e indispensável em nosso cotidiano.

3. FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA E A ICONOGRAFIA

Antes da existência da escrita como uma forma de linguagem, a imagem já transmitia a leitura do mundo, da relação sociedade e natureza que ocorria no espaço com os povos primitivos em pinturas rupestres. Atualmente é difícil conceber e compreender o espaço geográfico do cotidiano sem imagens, de formas e cores variadas, uma vez que estamos rodeados por elas nas ruas ou em nossas casas, pela televisão, internet e até mesmo pela câmera fotográfica dos aparelhos de celular.

Esse universo heterogêneo que oferece tantas possibilidades de linguagem audiovisual está cada vez mais acessível à sociedade em geral, mas ainda distante do domínio de uso pela maioria dos professores. Ainda é comum que o cotidiano de ensino no espaço escolar tenha seu tempo preenchido somente com aulas expositivas, distantes e até mesmo alheias ao mundo exterior à escola. Dessa forma, se por um lado temos alunos que dominam as novas tecnologias, por outro lado, há professores que desconhecem estes processos, valendo-se apenas do método tradicional de aulas expositivas que em geral não tornam os alunos serem ativos em busca do aprofundamento do conhecimento, o que resulta em um ambiente de desmotivação.

É preciso destacar que esse referido ambiente também faz parte, ainda, do cotidiano de ensino e aprendizagem em Geografia, principalmente na educação básica. Brabant (1993) enfatiza que a geografia escolar, apesar de uma predisposição aparente a tratar do mundo que nos rodeia, acabou se desenvolvendo no mesmo plano das outras disciplinas, um plano antes de tudo marcado pela abstração.

Para compreender melhor essa realidade, esse mesmo autor, afirma que a geografia foi inicialmente concebida para auxiliar no ensino de história, onde permitiria pela descrição, conhecer os lugares onde os acontecimentos se passaram (1993). É importante frisar que, segundo o autor, essa subordinação foi reforçada pela preocupação militarista de patriotismo, onde o objetivo não era raciocinar sobre o espaço, mas apenas fazer do espaço um inventário que delimitasse o espaço nacional e pudesse fazer o cidadão se situar.

Brabant (1993) ressalta ainda que sempre houve uma predileção pela geografia física e que isto se deve também aos militares, que conduzem seu raciocínio com base em dados estratégicos de topografia desde os primórdios desta ciência. Foi assim que, segundo o autor, o discurso geográfico tornou-se abstrato na escola, com grande carga de enciclopedismo e nomenclaturas geográficas onde os saberes não estão conectados e sim “engavetados”. Neste ponto destacamos que esse modelo de ensino acrítico seria mais tarde estudado com profundidade e nomeado por Paulo Freire (1987) como educação bancária, onde o autor afirma que nesse modelo educar é simplesmente um ato de depositar conteúdo, sendo o aluno um mero depositário que não deve pensar nem refletir o que recebe, apenas memorizar e encher suas “vasilhas” com os depósitos dos professores.

Sabendo que ainda há resquícios da educação bancária e descritiva na Geografia da educação básica, é preciso desenvolver novos procedimentos metodológicos de capacitação na formação docente para romper com esse padrão. É nesse contexto que a iconografia surge como uma proposta didática de inovação e interação, criando condições para o futuro professor seja capaz de dominar novas tecnologias, enriquecendo o cotidiano da sala de aula e tornando as aulas mais atrativas para os alunos. Afinal, como explica Shor (1986), os mesmos alunos desmotivados que estão nas salas de aula, possuem bastante motivação fora de sala para diversos outros assuntos e práticas, o que induz a reflexão de que há uma desconexão ou uma falha na conexão dentro da sala de aula.

Sendo assim, a utilização de recursos audiovisuais como meio didático complementar ao processo de ensino e aprendizagem tem se tornado indispensável em sala de aula, uma vez que, de fato, o cotidiano externo às escolas se apresenta como um mundo de rápidas transformações tecnológicas cada vez mais acessíveis, que modificam as relações da sociedade da qual os alunos fazem parte. Dessa forma, aulas de geografia expositivas ou somente baseadas no livro didático se tornam desinteressantes para os alunos, que sentem necessidade de recursos mais atrativos.

O ensino teórico, tão abstrato na educação básica como explicou Brabant (1993), transforma-se quando há novas metodologias na utilização de recursos audiovisuais, principalmente quando a iconografia está inserida no cotidiano escolar, colaborando para que o conteúdo geográfico seja apreendido e exemplificado de forma mais atrativa, por meio de imagens, sons e cores.

3.1. Fotografia e Geografia

Apesar da utilização de imagens sempre estar presente nos livros didáticos, nem sempre cumprem outra função além de ilustrar, sendo trabalhadas de maneira acrítica e, muitas vezes, sem rigor na correlação entre o conteúdo e a seleção das imagens, produzindo uma perpetuação de estereótipos como veremos adiante. Além disso, não há uma preocupação metodológica para sua utilização em outros meios.

De acordo com Coutinho (2009) é na educação formal que ainda existe mais dificuldade de uso da linguagem visual, de maneira sistemática e com os conhecimentos necessários ao seu melhor aproveitamento. Segundo a autora, mesmo utilizando os mais diversos tipos de imagens como instrumento, não está na sofisticação do meio o poder comunicativo da linguagem visual. A referida autora explicita que esse poder está relacionado ao conceito de *iconicidade*, que é a capacidade que uma imagem tem de representar uma realidade ou ideia, com maior grau de precisão ou ainda, no sentido oposto, com maior grau de abstração.

A preocupação em trabalhar esta temática na formação docente reside no fato de que as imagens possuem certa resistência ao tempo e quando relacionadas a uma representação ou ideologia podem se perpetuar no imaginário dos alunos. Em se tratando do ensino de Geografia, ao pensarmos no estereótipo que a Amazônia possui nos livros didáticos, temos que a imagem que permanece para todo e qualquer aluno é que a população residente na região é composta apenas por índios que vivem em cabanas na floresta. No entanto, temos na Amazônia brasileira um pólo industrial que emprega mais de 118.000 trabalhadores e somente neste ano de 2011, no período de janeiro a junho, produziu mais de 12 milhões de celulares, 930 mil motocicletas e 4,3 milhões de televisores, gerando mais de US\$ 19 bilhões. (Brasil, 2011)

Nesse sentido, o curso de extensão intitulado “*Utilização de Recursos Iconográficos no Ensino de Geografia: Geofotografia*”, foi elaborado para preparar os alunos do curso de licenciatura para a correta utilização da fotografia em sala de aula. As duas primeiras semanas trabalharam textos que trataram da importância de ensinar Geografia de forma diferenciada, buscando metodologias inovadoras e que retratassem a fotografia como uma possibilidade no cotidiano escolar, por meio de experiências já vivenciadas. Podemos citar como exemplo as experiências relatadas por Santos (2009), sobre os resultados positivos da integração de arte, música e fotografia no ensino de Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. A experiência foi positiva por vários motivos, dentre eles o aumento da participação dos alunos em sala de aula, que passaram a apreender os conceitos geográficos com maior facilidade.

Inicialmente, essa proposta teórica diversificada de trabalhar com a análise de casos foi imprescindível para preparar cada aluno para as múltiplas possibilidades de trabalho que a fotografia oferece, demonstrando que para cada escolha é preciso ter objetivos específicos e haver planejamento prévio para obter os resultados pretendidos.

A ilustração 1 demonstra as possibilidades de interpretação de uma fotografia para a Geomorfologia. Essa foto foi trabalhada com os alunos para exercitarem a percepção dos diferentes planos que compõem uma paisagem, ou nesse caso, uma fotografia da

paisagem natural. Também foram utilizadas fotografias de espaços urbanos e de áreas degradadas, possibilitando aos alunos um olhar mais crítico sobre diferentes abordagens na Geofotografia.



Ilustração 1. Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

Foto: Valdir Steinke (2009)

Apreendidas as teorias, os alunos foram instigados desenvolver como produto final do curso uma atividade prática denominada *Resgate Iconográfico*. Como o próprio nome explicita, o objetivo foi propor que cada aluno realizasse um resgate imagético, ou seja, uma busca por imagens antigas da cidade onde moram ou estudam.

As pesquisas foram feitas em jornais, revistas, livros e também em sites da internet. A atividade objetivou uma reflexão sobre as transformações espaciais ocorridas no decorrer do tempo, aplicando conceitos e categorias de análise do conteúdo geográfico das disciplinas obrigatórias. Os resultados surpreenderam, cada resgate iconográfico foi acompanhado de análise crítica, aplicando as teorias geográficas sobre as transformações do espaço na cidade onde os alunos residem. Vale ressaltar que até aquele momento, muitos alunos relataram que os conteúdos obrigatórios eram

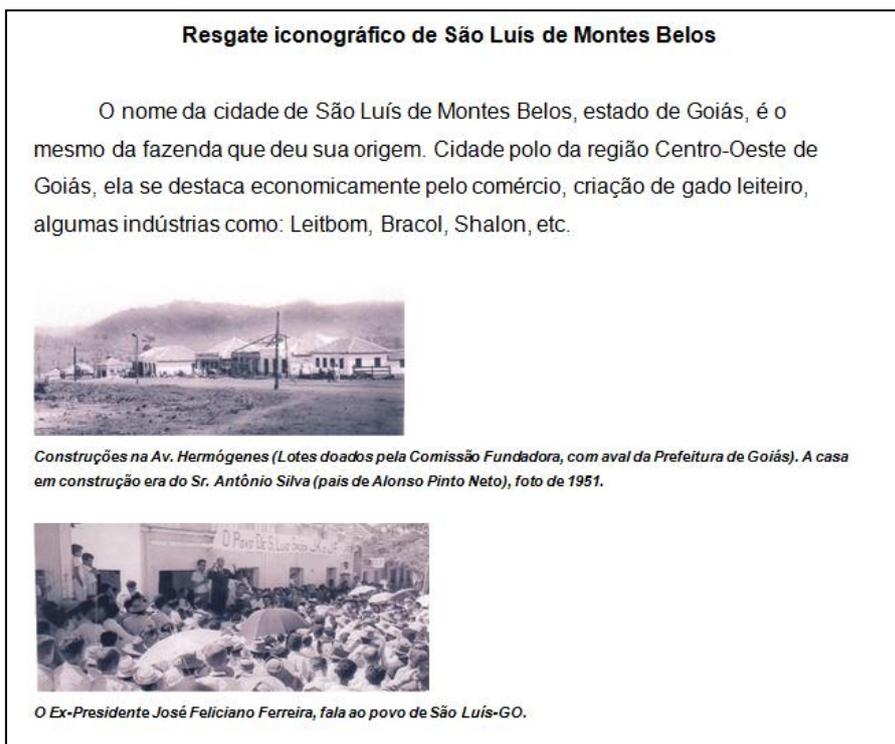


Ilustração 3. Resgate Iconográfico

Discente: Ieda Nunes

Diante disso, temos que a fotografia pode ser utilizada de variadas formas, muito mais do que como simples ilustração de um conteúdo. Atividades práticas que envolvem a fotografia possibilitam novos olhares e maior facilidade para apreensão das teorias geográficas. Afinal, como explicitam Dantas e Moraes (2007), o geógrafo está imerso no mundo das imagens, estejam elas em suportes diversificados ou disponíveis no grande cenário que é a paisagem. As autoras ressaltam ainda que o desafio do professor de geografia é ensinar a olhar as imagens do mundo.

Sobre isso, é preciso ressaltar que o professor, ao utilizar uma fotografia em sala, deve conhecer o tema abordado para possibilitar a leitura da mensagem que deve ser transmitida por meio da imagem. Uma fotografia muitas vezes não transmite uma mensagem “por si mesma”, é necessário traduzir seu conteúdo, expor as diferentes leituras que podem ser feitas. Na ilustração abaixo, temos que o primeiro plano se sobressai onde identificamos as feições degradadas com nitidez, deixando à mostra o

[Revista de Didáticas Específicas, ISSN: 1989-5240](http://www.didaticasespecificas.com)
www.didaticasespecificas.com

perfil do solo e ausência de horizonte O. A leitura da paisagem vai variar de acordo com o nível de conhecimento de quem a interpreta, o que torna imprescindível para a Geografia, que os elementos a serem analisados estejam bem delimitados para que a fotografia seja melhor explorada em sala de aula.



Ilustração 4. Voçoroca em Formosa - GO. Foto: Valdir Steinke (2008)

3.2. Cinema em Geografia

A utilização de filmes em salas de aula não é necessariamente um recurso didático inédito, mas atualmente tem se consolidado como um instrumento mais acessível, com abordagens diversificadas devido a maior acessibilidade a um grande universo de curtas e longas-metragens, por exemplo. No entanto, o questionamento central é: Será que a utilização de filmes em sala de aula é tão simples quanto parece? E, não seria um mero “capricho” daqueles professores de Geografia, com afinidade pessoal com o cinema seu principal argumento de utilização. Portanto, o primordial é buscar entender a relação acadêmica entre a ciência geográfica e o cinema.

De acordo com Coutinho (2009), o cinema é a primeira arte em movimento para grandes públicos, sem pré-requisitos. A autora afirma ainda que todos podem compreender um filme, ainda que a língua do cinema exija estudos mais profundos e que sejam mais complexos do que exige a língua escrita. No entanto, acreditamos que especificamente no contexto escolar, onde a carga horária é muitas vezes incompatível com a carga de conteúdo a ser ministrado no ano letivo, o cinema exige pré-requisitos quando utilizado em sala, se o objetivo for enquadrá-lo dentro de uma proposta curricular de ensino.

Se a duração de uma aula é de cerca de 50 minutos no Brasil, pressupõe-se que um filme com duração de mais de uma hora precisará ser trabalhado em dois momentos separados com intervalo de tempo significativo, o que pode atrapalhar o desenvolvimento da análise pretendida com o filme. Então, como o professor deve trabalhar com esse recurso didático em sala? Quais as possibilidades de abordagem na Geografia?

É nesse contexto de tantas perguntas que o curso de extensão intitulado *Cinema em Geografia* foi elaborado, visando possibilitar uma melhor utilização do cinema em sala de aula, abordando as metodologias, vantagens e desafios, correlacionando essa atividade como uma apreensão prática dos conceitos e temas geográficos propostos nos conteúdos da educação básica.

Assim como no curso de Geofotografia, as primeiras semanas foram destinadas à teorização sobre o tema, onde primeiramente os alunos aprenderam sobre a historiografia do cinema e principalmente, do cinema brasileiro. Em seguida, os debates analisaram a correlação da Geografia com o Cinema e enfocaram nas formas de utilização do cinema no contexto escolar.

Destacamos que, conforme explicita Campos (2006), os filmes em sala de aula devem ser trabalhados em um processo de busca de interpretações com base em referências como o saber escolar e o saber do mundo. Nesse sentido, os pré-requisitos podem ser traduzidos no conhecimento adquirido em um debate sobre o tema, antes da exibição do filme, ou pode se resumir à uma leitura prévia sobre o tema. Mas [Revista de Didáticas Específicas, ISSN: 1989-5240](http://www.didacticasespecificas.com)
www.didacticasespecificas.com

enfaticamente que os pré-requisitos devem existir para possibilitar que os alunos reconheçam o tema estudado, possam de antemão compreender as relações apresentadas no filme. Essa prática, com o tempo, deixará o olhar dos alunos mais aguçados, impedindo-os de assistir um filme de maneira acrítica.

Essa análise crítica é indispensável em nossa sociedade, pois que o cinema é o fabricante e manipulador supremo de imagens para fins comerciais, e o próprio ato de usá-lo implica sempre a redução das complexas histórias da vida cotidiana a uma sequência de imagens projetadas numa tela, como bem explicita Harvey (2010). Um exemplo claro que abrange essa manipulação para fins comerciais, são os filmes que apresentam o consumo exacerbado como forma de inserção social e sinônimo de felicidade. Podemos citar rapidamente, filmes como *Sex and The City* e *Diabo Veste Prada*, como exemplos do que é comumente chamado de cinema comercial, cujo objetivo muitas vezes se resume a vender um estilo de vida, nestes casos, o *american way of life*, onde o consumo de marcas famosas é enaltecido em detrimento de relacionamentos familiares e afetivos em geral.

Nesse sentido, após a teorização inicial, passamos à aplicação prática ao focar cada semana em um tema específico ao ensino de Geografia, debatendo seu conteúdo com as possibilidades de se apreendê-lo em diversos filmes. Como exemplo, analisamos as diversas possibilidades de representação da região nordeste do Brasil, que muitas vezes é enquadrada com destaque nas paisagens áridas do período de estiagem e, por outros ângulos, essa mesma região pode ser enfocada do ponto de vista cultural, onde se sobressai o modo de vida da população.

Outras formas de representação da região nordeste do Brasil, são apresentadas no texto de Lima (2010) que explicita dois modelos clássicos utilizados pelo cinema: o sertão e o litoral. Nesta leitura os alunos puderam se deparar com uma análise mais apurada de leitura das paisagens apresentadas, onde muitas vezes estava ocultada uma profunda crítica política. É nesse ponto que o processo de formação docente deve preparar o futuro professor para trabalhar o cinema de maneira mais crítica, tornando-os

espectadores com pré-requisitos, capazes de entender além do que está explícitos nas narrativas cinematográficas.

Um país continental como o Brasil aparece de diferentes formas também em filmes internacionais, mas com estereótipos que retratam a visão pormenorizada e muitas vezes falaciosa de nosso país. Campos (2006) disserta sobre as imagens que Hollywood produz sobre o Brasil, onde explicita que a imagem comum que geralmente aparece são florestas, praias, carnaval e mulheres sensuais. Não podemos considerar tais estereótipos como simples formas de representação dentre de um enredo fictício, pois que há ideologias as vezes quase imperceptíveis que permeiam o imaginário dos criadores desses enredos.

Se o Brasil nos filmes de Hollywood, como afirma Campos (2006), é um país cenográfico, onde alguém pode estar em Copacabana ou no Pelourinho e, em seguida, nas Cataratas de Iguazu, com personagens da malandragem e da sensualidade em destaque, há que se perceber o cinema não como um registrador da realidade, mas como um espaço de convenções, mitos e simbologias da cultura de quem os realiza.

Nesse sentido, a leitura e interpretação de um filme estrangeiro que retrata o Brasil, devem ser feitas com olhar mais apurado pelos alunos, futuros docentes, percebendo o cinema como uma ferramenta didática que pode colaborar para o sucesso da aprendizagem crítica ou para a manutenção da utilização do cinema como um passatempo que pode perpetuar imagens e conceitos estereotipados de um povo e sua cultura.

Como tarefa final, os alunos produziram atividades de análise e construção de projetos para serem aplicados em sala de aula. A diversidade de resultados criativos e inteligentes demonstra que o curso foi bem aproveitado pelos alunos. Dentre esses resultados, podemos citar o projeto Jornal de Artes Africanas, que objetivou a criação de um espaço na escola onde os alunos pudessem publicar pesquisas feitas sobre o continente africano em diferentes meios, inclusive por meio de filmes. A ilustração 5 demonstra a metodologia da aluna para concretizar o projeto.

Projeto Jornal das Artes Africanas

Local/ Cidade: Centro de Ensino Fundamental 05 Sobradinho DF.

Temas: Espaços Públicos e Geografia Cultural

Objetivos: Montar um jornal cultural na escola para mostrar a grande diversidade cultural que existe na África.

Objetivos Específicos: Compreender a composição cultural da população africana e conhecer as causas da sua distribuição pelo continente.

Conceitos de Geografia: Diversidade étnica e cultural na África.

Filmes Abordados: Os filmes fazem parte do processo de apropriação do conhecimento e envolvimento dos alunos com relação à cultura africana. Tem como objetivo levar os alunos a perceberem como, historicamente, se deu a formação étnica e cultural do povo africano e seu desenvolvimento econômico.

Kiriku e a Feiticeira. Direção: Michel Ocelot. França, Bélgica e Luxemburgo:1998(74min.). *A animação conta a história de Kiriku, um menino que nasceu para lutar e combater o mal, e suas aventuras ao enfrentar a feiticeira Karabá.*

Menged. Direção: Daniel Taye Workou. Etiópia: 2006 (20 min.) *Adaptação de um conto popular etíope, sobre a trajetória de um pai e seu filho até o mercado. Mostra a Etiópia de hoje: um país na transição entre modernismo e tradicionalismo.*

Ilustração 5. Projeto Final de Cinema em Geografia.

Discente: Ana Paula Santana

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão universitária, seja por meio de ações de caráter social ou acadêmico, contribui para o processo de qualificação na formação docente, uma vez que amplia o conhecimento sobre determinado tema. Os cursos de extensão apresentados nesse estudo aproximaram os alunos de temáticas variadas que correlacionadas ao estudo da Geografia, possibilitaram novas formas de compreensão e aplicação de conceitos e teorias do conteúdo Geográfico.

Nesse sentido, temos que existem diferentes formas de representação do espaço geográfico cotidiano por meio de imagens, que se constituem como meios de apreensão de conteúdos no processo de ensino e aprendizagem em Geografia. Esse universo de [Revista de Didáticas Específicas, ISSN: 1989-5240](http://www.didaticasespecificas.com)
www.didaticasespecificas.com

possibilidades que a iconografia oferece, é uma fonte inesgotável de revelações e possibilidades de aprendizagem, como afirmam Dantas e Moraes (2007), e deve ser compreendido desde a formação docente, para possibilitar que o professor tenha domínio de uso e a utilize de modo sistematizado e planejado, a fim de alcançar os resultados pretendidos, pois que a iconografia passa a ser mais uma forma de interação dos alunos com o conteúdo, tornando-os ativos no processo de ensino e aprendizagem.

No entanto, não é nosso objetivo expor a iconografia como a panacéia dos problemas relativos ao ensino de Geografia, como a desmotivação em sala de aula. É preciso haver interesse do professor em buscar uma qualificação que atenda à realidade local da escola onde atua, procurando meios de fomentar nos alunos o interesse em aprender. Essa relação diferente com o trabalho, que vai além das meras obrigações de “passar” o conteúdo é algo além de métodos e técnicas, como diz Freire (1987). É uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade, criticando o conhecimento como é “dado” e criticando a própria sociedade. Somente assim, quando o professor acredita na importância do seu trabalho e busca meios para torná-lo concreto e efetivo, que a iconografia é uma ferramenta didática de grande valia.

Diante de todo o exposto, temos que o processo de formação docente deve possibilitar a compreensão e incorporação das novas tecnologias e novas linguagens, desvendando as possibilidades de expressão e aproximação da iconografia no ensino de Geografia. Dessa forma, os futuros docentes estarão inseridos em um contexto educacional de utilização de recursos audiovisuais, como a fotografia e o cinema, não somente para a comunicação e expressão das ideias, mas para a produção sistemática de conhecimento, tornando as aulas mais atrativas para os alunos, que participarão do cotidiano escolar de forma mais motivada.

BIBLIOGRAFIA

BRABANT, Jean-Michel (1993): "A crise da geografia, a crise da escola". En: Oliveira, Ariovaldo Umbelino(org): *Para onde vai o ensino de Geografia?* . São Paulo.

BRASIL, (2006): Decreto nº 5.800 sobre a criação da Universidade Aberta do Brasil. En

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5800.htm

BRASIL (2011): Dados do Pólo Industrial de Manaus no Amazonas em 2011. En <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/08/12/polo-industrial-de-manaus-fecha-primeiro-semester-com-recorde-de-faturamento>

CAMPOS, Ruy Ribeiro. Cinema, Geografia e Sala de Aula. En: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/viewArticle/216>

CAPES, 2009. Histórico e Rumos da Educação a Distância na UnB. In:

<http://www.uab.unb.br/index.php/institucional/historico>

COUTINHO, L. M. (2009): Linguagem Audiovisual e Educação a Distância. En SOUZA, A.M.; FIORENTINI, L. M.; RODRIGUES, M. A. (orgs): *Educação superior a distância: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede*. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação.

DANTAS, E. M. & MORAIS, I. R. D. (2007): "O Ensino de Geografia e a Imagem: universo de possibilidades". In: <http://www.ub.edu/geocrit/9porto/eugenia.htm>

FREIRE, P. (1987): *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

GAARDER, J. O. (1995) *Mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. São Paulo. Companhia das Letras.

HAVERY, David (2010): *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola.

LIMA, Carlos A. Ferreira (2010): "Nem oito nem oitenta: O Nordeste entre o urbano e o rural no cinema brasileiro de Retomada". *Anais do XIII Encontro Estadual de História*. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/autores.html

RAMOS, W. M. & MEDEIROS, L. A. (2009): "Universidade Aberta do Brasil: desafios da construção do ensino e aprendizagem em ambientes virtuais". In: SOUZA, A.M.; FIORENTINI, L. M.; RODRIGUES, M. A. (orgs) (2009): *Educação superior a*

ATIVIDADES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DA ICONOGRAFIA

Claudia Lins Lima, Valdir Adilson Steinke

Revista de Didáticas Específicas, pp. 56-77

distância: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação

SANTOS, M. A. F. (2009): O Ensino da Geografia Através da Música e Imagens: uma proposta metodológica. en: [www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20\(998\)](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20(998)).

SHOR, I (1986): *Medo e Ousadia – O cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,